

Jacinto do Prado Coelho, crítico imanente

Rita Patrício

Universidade do Minho

Resumo

Este ensaio visa revisitá criticamente *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, de Jacinto do Prado Coelho, exemplo, segundo o seu autor, de uma “crítica imanente”. Pretende-se discutir essa crítica imanente, analisando os seus pressupostos metodológicos e as suas consequências hermenêuticas, contextualizando-a na obra crítica de Prado Coelho.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Jacinto do Prado Coelho, Crítica Literária, Estilística

Abstract

This essay aims to critically revisit *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, which is, according to its author, Jacinto do Prado Coelho, an example of “immanent critique”. It aims to discuss this immanent critique, analyzing its methodological assumptions and its hermeneutical consequences, contextualizing it within the critical work of Prado Coelho.

Keywords

Fernando Pessoa, Jacinto Prado Coelho, Literary criticism, Stylistics

Num ensaio publicado no número 4 da revista *Estranhar Pessoa*, analisando a apresentação, por parte de Georg R. Lind e Jacinto do Prado Coelho, das *Páginas de Estética, de Teoria e Crítica Literárias* e das *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*, interessou-me o modo como os críticos procuraram articular estas páginas com o seu entendimento da poética de Pessoa e promover a sua integração na obra do autor (cf. Patrício, 2017). A legitimação deste *corpus* foi, para os seus prefaciadores, um repto muito específico, pois confrontava-os com a natureza e as fronteiras do próprio conceito de obra, que implica e move, sabemo-lo desde as propostas de Michel Foucault, o conceito de autor, a que se reconhece (ou atribui) uma unidade fundamental (cf. Foucault, 1992). A questão da unidade que debati nesse ensaio era particularmente decisiva nos prefácios de Jacinto do Prado Coelho. O ensaísta assumia estar a retomar, nessa circunstância, o gesto crítico que empreendera anos antes, ao desenvolver um estudo precisamente intitulado *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Buscando a genealogia da ‘unidade’ como categoria estética e crítica fundamental para Prado Coelho, pretendo agora centrar-me nesse estudo de 1949, marco incontornável da fortuna crítica pessoana, scrutinando a metodologia de construção crítica da ‘unidade’. A esse método analítico Prado Coelho chamou crítica imanente, no prefácio à terceira edição da obra, de 1969, e é essa leitura imanente que pretendo ler, suas implicações e consequências.

Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa determinou o modo com a tradição crítica pessoana, que viria a multiplicar-se nas décadas seguintes, se desenvolveu em torno da tensão presente no título, ora privilegiando na obra o que é disperso, na hiperbolização das diferenças que ela encenaria (heterónimos, temas, géneros discursivos), ora sublinhando categorias que permitissem unificar toda essa (aparente) multiplicidade⁵. O ensaio testemunha a posição particular do autor da primeira tese universitária sobre Pessoa: Prado Coelho situa-se entre a história literária romântica, que encarava a literatura enquanto documento social, e as reacções a esse historicismo, tal como acontece em todas as teorias formalistas que, ao longo do séc. XX, entendiam que o estudo da literatura devia cingir-se à literatura *em si*. (cf. Ferraz, 1984 e 2008)⁶. Para além disso, a lógica do discurso académico com que Prado Coelho analisa Pessoa pretende não só superar as limitações do modelo filológico universitário mas também distanciar-se do psicologismo da

⁵ Eduardo Lourenço, distinguindo as várias orientações na tradição crítica pessoana, reconhece que aquela que provém da lição de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* se constitui como a “mais numerosa” (1993: 32).

⁶ Segundo Vítor Aguiar e Silva, deve-se a Jacinto do Prado Coelho a introdução da disciplina de Teoria da Literatura na reforma curricular de 1957, o que testemunha a atenção prestada pelo professor e investigador ao desenvolvimento dos estudos literários do seu tempo (Comunicação apresentada em Coimbra, a 16 de Novembro de 2017, a publicar no volume *As Conferências do Cinquentenário: a Teoria da Literatura de Aguiar e Silva*, no prelo)

crítica extra-universitária, de que a crítica presencista era exemplo maior. Foi este, aliás, o “*locus* inaugural, o «esteio da fortuna crítica», ou o primeiro olhar crítico sobre o poeta” (Gagliardi, 2017: 18), com o qual qualquer posicionamento crítico pessoano posterior teria de se confrontar.

Prado Coelho, no prefácio à sexta edição, reconhece o duplo condicionalismo da sua obra de 1949: “pelo destino imediato que a modelava e pela fase dos estudos literários a que pertencia” (1982: 19). Considerando a primeira destas condições – o facto de estarmos perante uma tese académica – já como sinal da segunda (a universidade a acolher a um autor moderno), este volume oferece-se como objecto de análise privilegiado para pensar as circunstâncias históricas e teoréticas da leitura de uma obra literária como modeladoras dos seus princípios constitutivos.

1. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 1949

A publicação de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* inaugura uma leitura, tendencialmente formalista, que pretendia tomar os textos como objectos de análise suficientes para a sustentação da tese anunciada no título: a de uma diversidade sob a qual se descontina a unidade em Fernando Pessoa. Os dois termos do título não funcionam enquanto termos equiparáveis na descrição da obra pessoana (como se houvesse diversidade e unidade nessa obra): o primeiro dá conta do efeito pretendido por Pessoa, o de ser reconhecido como um autor multiplicado, sob o signo do diverso; o segundo dá a ver o *insight* crítico que corrige essa descrição.

No prefácio, o investigador descreve sumariamente o plano de investigação que visa “surpreender a unidade essencial implícita na diversidade da obra pessoana”:

Iluminando os nexos que entrelaçam Pessoa e os heterónimos na motivação e no estilo, demonstro como (...) Pessoa deixou em toda a sua obra reiterados indícios de um drama que resulta da convergência no mesmo homem dum percuciente angústia metafísica e dum inexorável ceticismo. (1949:9)

Para essa demonstração, percorrem-se “vários lanços”: caracterização das individualidades ortónima e heterónimas; descrição das “linhas radiais do pensamento” de Pessoa; confirmação pelas evidências estilísticas da identidade aferida anteriormente; sustentação da proclamada e conclusiva unidade da obra a partir dos passos anteriores. Cada um deles corresponde a uma das partes do volume.

No elenco dos indivíduos poéticos pessoanos, nivelam-se figuras reais e ficcionais, tomando cada nome como modo de identificar um tipo específico de poesia. Prado Coelho começa por nos dar o ponto de vista de Pessoa, para quem “[o]s heterónimos seriam mais puros pelo facto de a inteligência os separar, os isolar da heterogeneidade confusa da alma” (11). Contudo, na perspectiva do crítico, os heterónimos não atingem a perfeição enquanto individualidades: “A verdade, porém, é que tal depuração (aliás, realizada também na poesia ortónica pelo que há nela de transposto, de *fingido*) não foi tão longe que Caeiro ou Campos ou o próprio Reis se apresentem nitidamente coerentes, inteiriços” (*idem*). A pretensão pessoana de que a heteronímia possibilitaria uma sublimação criadora, pois o fingimento concorreria para a abstracção, é questionada respondendo aos termos usados por Pessoa na célebre carta a Casais Monteiro para dizer a sua perfeita despersonalização: se, na carta, Pessoa, como criador, anuncia a sua visão dos heterónimos como pessoas nitidamente coerentes e inteiras, Prado Coelho, como crítico, diz-nos precisamente que não os *não* assim, pois dá-nos conta da falta de nitidez, de coerência e de inteireza das figuras. Por isso, as páginas desta secção ocupam-se das incoerências e contradições destas individualidades, como se torna muito evidente na leitura de Caeiro. E ainda que a descrição das individualidades de Pessoa dê a ver o seu “admirável poder de se desdobrar” (45), a detecção de afinidades a ligá-las coloca ao ensaísta uma interrogação decisiva: não terá ficado Pessoa “verdadeiramente um só, não vários” (*idem*)? O crítico explicita a metodologia da sua resposta: considerar da obra de Pessoa como um todo, para buscar nela “os motivos que me parecem no âmago da vida espiritual do autor”. A sua tentativa foi a de “abrir caminho para descobrir a unidade psíquica na polimorfia” (*idem*). Fica evidente o propósito de, partindo da obra, chegar ao autor, ou seja, atendendo à letra poética ser conduzido até à alma criadora⁷. Prado Coelho recupera a identificação entre estilo e homem, tornando inevitável a presença de Pessoa nas suas criações heteronímicas: “Pessoa, a confirmar-se a asserção

⁷ A terceira parte, “Diversidade e unidade de estilo”, replica o título do volume, restringindo agora o estilo como objecto de estudo. Neste ponto da sua análise, o crítico já deixou clara a crença de que uma postulada identidade autoral se possa aferir a partir da leitura criteriosa de poemas, pelo que “estilo” vem substituir “Fernando Pessoa”, num contexto crítico em que se defende que o primeiro diz o segundo. O crítico reitera as suas reservas: ainda que admita que, dotado de invulgares capacidades de desdobramento, “Fernando Pessoa estava em condições invulgares para criar estilos, os estilos dos heterónimos”, entende que essa potência nem sempre se manifesta em pleno e daí a pergunta lançada: “Mas conseguiu neste campo uma completa despersonalização?” (77). Prado Coelho não deixa de assinalar, também aqui, a faléncia dos propósitos pessoanos: “Fernando Pessoa pôde, até certo ponto, *fazer* os estilos dos heterónimos à medida que foi vendo melhor dentro de si, cindindo-se para melhor se compreender” (*idem*). O ponto que o crítico quer assinalar é aquele a partir do qual os estilos aparecem rarefeitos; é a partir dele que pretende desenvolver a sua tese de unidade: “Mas – repito a pergunta – para além desses estilos diversos não se divisará um núcleo de personalidade una, um denominador comum estilístico insofismável?” (77).

vossleriana de que cada homem tem o seu estilo, não terá gravado os sinais da sua alma e da sua mente singulares nas linguagens dos heterónimos?" (77). Para o ensaísta, a alma e a mente de Pessoa são únicas e delas chegam-nos vestígios na poesia dos heterónimos, figuras que Pessoa diz pretender serem absolutamente distintas de si, mas nas quais o crítico vê fixado ("gravado") o criador.

Na leitura de Prado Coelho, o trabalho do crítico consiste na denúncia da falência do projecto pessoano. Segundo o ensaísta, "gorou-se o plano a que Pessoa terá querido dar o coroamento na carta a Casais Monteiro: tornaram-se visíveis os cordelinhos do seu teatro" (103). O crítico pretende o desmascaramento da ficção heteronímica, dando a ver o que nela aponta para a inautenticidade das figuras; todo o volume testemunha o empenho em corrigir a narrativa de Pessoa. Prado Coelho vê a diversidade, que resultaria do fingimento, como acessória, e por isso contraria o entendimento da ficção como sinal de autenticidade. Inverte assim os termos da descrição pessoana sobre a relação entre sinceridade e fingimento: para Prado Coelho, uma sinceridade essencial (ainda que Pessoa a diga fingida) subjaz a um fingimento, que o crítico rotula de autêntico. Nesta medida, o crítico inscreve-se e actualiza a tradição presencista, para quem a heteronímia seria artifício e mistificação que competia à crítica denunciar em nome de um valor maior, a sinceridade.

No prefácio desta primeira edição, Prado Coelho reconhecerá que o seu estudo comportava "uma indagação de ordem de ordem psicológica", mas que essa levaria ao que "mais importa, a substância da poesia de Pessoa", ou seja, "além de estados de alma cujo significado ele próprio não apreende, uma pertinaz inquietação metafísica, graves preocupações ontológicas, ideias palpitantes sobre a situação do Homem no Mundo" (10). Reconhecendo a dimensão psicologista do seu método, o investigador pretendia conduzi-lo a um terreno ontológico: o fim redimensionaria aqui o método.

2. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa, a partir de 1963*

Ao longo da década de 50, multiplicaram-se os estudos sobre Pessoa, assim como as perspectivas críticas que os orientam. Por essa razão, a segunda edição, de 1963, comporta um prefácio mais explicativo e uma longa nota final, em que o autor explicita e defende a sua metodologia crítica. No prefácio, o crítico torna-se mais claro quanto à posição de que partiu:

Admiti, por hipótese, que a um escritor fosse possível desdobrar-se em personalidades independentes, embora, no íntimo, eu próprio não pusesse em dúvida o que Álvaro de Campos chamou «o dogma da personalidade». Assim, com a isenção de que fui capaz, tentei surpreender a unidade essencial implícita na diversidade das obras ortónimas e heterónimas. Iluminando os nexos que, na motivação como no estilo, as entrelaçam, procurei determinar em que consiste essa unidade. (1963b: IX)

Assistimos assim à luta interior de que partiu o estudo: por um lado, a inabalável crença no dogma da personalidade, que havia sido denunciado precisamente por Álvaro de Campos, parte relevante do seu objecto de análise; por outro, a necessidade da hipótese do desdobramento em “personalidades independentes”, tal como proposto pela poética pessoana. Para poder admitir realmente a segunda, o crítico teria se eximir ao dogma de que nunca duvidou; o mais que pôde foi a suspensão da crença, a isenção possível, ou a isenção de que foi capaz. Segundo este testemunho, seria esse esforço a validar o caminho que conduz à proposta de unidade, unidade, note-se, que enquanto objectivo da análise seria a “unidade essencial”, apresentada como reacção a um problema originário: “a inquietação metafísica de Pessoa, ao modo angustiado como viveu o problema do conhecimento, logo os problemas da apreensão do *eu* e da sinceridade profunda”. Noto que na última edição publicada em vida do autor, esse resultado analítico é já só “essa (relativa) unidade” (1982: 11). Contudo, em 1963, o método sustentava a plena confirmação do dogma de que se partiu, o da personalidade, deslocada agora para o plano da consciência do eu e do conhecimento, ou seja, e tomando termos pessoanos, o que Prado Coelho diz ter surpreendido é não a personalidade mas o problema da consciência. A herança presencista, sobretudo a sua linha psicologista, conhece assim uma correcção decisiva, mas sem ser liminarmente rejeitada. Que a unidade encontrada seja profundamente dramática é ainda sintomático a este nível: o crítico recolheu e apresenta “indícios de um drama” e esse drama é o “que resulta da convergência no mesmo homem de um irreprimível, torturante anseio de absoluto e de um inexorável ceticismo” (1963b: X). Afinal a unidade para que se aponta é a que resulta da intersecção (ou da “convergência”) de linhas conflituantes ou mesmo antagónicas, antagonismo que a adjetivação impressiva pretende ilustrar. Os indícios deste drama, diz-nos Prado Coelho, foram-nos deixados por Pessoa “em todas as suas obras” e por isso caberia ao crítico responder ao repto do autor e recolhê-los para que da sua leitura se aferisse um resultado sustentadamente partilhável e convincente, ou seja, uma imagem de Pessoa enquanto autor uno,

de uma unidade aferida a partir da diversidade. Reencontramos, assim, “os indícios”, já não gravados (como na descrição da primeira edição), mas “deixados” por Pessoa em todas as suas obras.

A descrição dos passos do estudo comporta, relativamente ao prefácio da primeira edição, curiosas variantes. Vejamos esta longa passagem:

A investigação percorreu vários lanços. Fiz primeiro a caracterização sumária de Alberto Caeiro, de Ricardo Reis, da lírica ortónima, da *Mensagem*, de Álvaro de Campos e de Bernardo Soares – colocando Pessoa e os heterónimos no mesmo plano para um exame de estrita hermenêutica, exame que não viciasse previamente os resultados. Em seguida, sempre com o mesmo respeito total pelos textos, estudei os grandes temas comuns, indicando as linhas radiais do pensamento de Pessoa – um pensamento provocado e dinamizado pela experiência vital do congeminador. Depois, pedi à análise dos estilos, para além dos traços que os diferenciam uma confirmação da identidade que descobriria nos temas (...). E já a diversidade de atitudes e tons, já as reiterações temáticas – uns e outros elementos aqui devidamente conjugados – me permitiram não só concluir pela existência de uma personalidade única, verdadeiramente inconfundível, mas ainda – o que tem decerto maior importância – patentear a riqueza humana e a genialidade estética dessa personalidade. (X)

Dando agora testemunho da intenção de um “respeito total pelos textos” (*idem*), o crítico dá conta de como se processa a leitura que aqui dirá a da “crítica textual” (XI): num primeiro momento, heterónimos e Pessoa são colocados num mesmo plano, para um “exame de estrita hermenêutica, exame que não viciasse previamente os resultados” (*idem*). Os textos parecem assim constituir-se como decisivos para a exegese crítica, mas, segundo Prado Coelho, o que parece ser decisivo é o exame a que estes devem ser sujeitos. O exame de estrita hermenêutica seria não um fim mas um meio para atingir um resultado, ou seja, o respeito a ter pelo texto seria o de uma “hermenêutica estrita” enquanto leitura que entendesse os textos como dados ou provas cujo valor estaria numa suposta objectividade crítica que garantisse resultados não viciados pela e na leitura. Assim, dizendo partir dos textos de Pessoa, o crítico passa ao “pensamento de Pessoa” e entende-o como “um pensamento provocado e dinamizado pela experiência vital do congeminador” (X). Chegado assim à “experiência vital do congeminador como núcleo fundador do universo Pessoa, Prado Coelho recoloca o humanismo presencista, traduzindo-o para esse fundo conceptual e metafísico que o leva a descrever essa experiência vital como o tal drama de pensamento. O que o crítico pede à análise dos estilos é a confirmação da

tese, a da “identidade que descobrira nos temas” (*idem*). Confirmada esta, pode Prado Coelho “concluir pela existência de uma personalidade única, verdadeiramente inconfundível, mas ainda – o que tem decerto maior importância – patentear a riqueza humana e a genialidade estética dessa personalidade” (X,XI).

A consciência metacrítica de Prado Coelho leva-o a assumir os limites da opção metodológica que tomou: “Não me faltou consciência dos limites da orientação seguida. O caminho que preferi trilhar – o da crítica «textual» - não é decerto o único legítimo” (*idem*). Reconhece que outras orientações (a biográfica, a psicológica, a histórico-cultural, a sociológica) poderiam ser igualmente válidas, anunciando-se a sua complementaridade, tal como a possibilidade de corroborarem, corrigirem ou ampliarem a crítica textual. Mas, neste momento, o que importa a Prado Coelho é sublinhar o lugar privilegiado da crítica textual e as suas vantagens, a começar pelo permanente contacto com o que é especificamente literário: “a expressão verbal (onde «matéria» e «forma», «significado» e «significante» surgem indissociavelmente ligados)” (*idem*). Na expressão verbal do poeta, o crítico parece conceber o verbo como acesso ao que há a exprimir, tal como em qualquer concepção expressivista de poesia. Na definição de Prado Coelho, “expressão verbal” diz a ligação indissociável entre «matéria» e «forma», «significado» e «significante»; mas, no seu discurso, é como se o verbo exprimisse a personalidade criadora e, nessa medida, o “verbal” da expressão é-lhe meramente adjetivo. Com a sua crítica textual, o crítico visa não um estudo de cariz formalista, que tivesse por objecto de análise suficiente uma obra poética, mas, na senda da estilística de matriz crocciana, procura nos poemas descontinar o poeta, nos textos descobrir o homem. Por isso, essa supremacia metodológica mantém-se “mesmo quando o fim último da pesquisa não é a valoração estética mas a originalidade e complexidade de um pensamento, o seu valor humano de testemunho ou a psicologia da criação literária no caso aliciante da heteronímia” (XI-XII).

Prado Coelho desenvolve ainda as vantagens da sua crítica nos seguintes termos:

Com efeito, mantendo-nos no plano da universalidade (relativa, embora, como todas as coisas humanas) dos valores estéticos, não nos deixando perder de vista o conceito de T.S. Eliot, em certo sentido perfeitamente exacto – «Poetry is not a turning loose of emotion, but an escape from emotion; it is not the expression of personality, but an escape from personality» –, a crítica «textual», ou, se preferirem, estilística (isto é, dos motivos e das formas que a obra literária encerra), livra-nos de uma entrega sem reservas a pseudocabais «explicações» psicopáticas ou sociológicas,

cientes como estamos de que «o melhor da história» começa precisamente com essa fuga ao particular, essa transposição de que fala T.S. Eliot. (*idem*)

A defesa de que o mais relevante em poesia, “o melhor da história”, esteja na fuga ao particular parte da lição modernista de que, em arte, o pessoal se universalizava e de que a linguagem poética é a possibilidade dessa transposição. A autoridade citada é aqui Eliot, poderia ser Pessoa. O valor da crítica textual estaria, pois, nas reservas que colocaria a uma entrega a supostas explicações psicopáticas ou sociológicas e poderia funcionar como uma libertação dessa tentação expressivista da crítica. A citação de T.S. Eliot que Prado Coelho toma como “em certo sentido perfeitamente exacto”, não explicitando que outros ou incertos sentidos pode ter, contém um aviso, um princípio norteador, a ser respeitado pela crítica que se quer atenta aos textos. Afinal, o melhor da história aqui mais não é do que coisa vislumbrada, que o crítico se deve esforçar por não trair e do qual não se deve afastar. E se a poesia é, em certo sentido, para Prado Coelho, uma fuga ao particular e essa fuga uma transposição, a crítica textual é aquela que se deve esforçar por acompanhar esse movimento; mas o crítico, tal como o poeta, fica sempre entre dois pontos: o particular, a partir do qual o gesto poético e crítico se instituem, e o geral, em que esse particular encontra uma formulação geral que permita a sua inteligibilidade (a unidade tão desejada por Prado Coelho).

O apêndice final “Notas à margem de alguns livros sobre Fernando Pessoa, posteriores ao presente ensaio” resulta da expansão de umas “Notas à margem de Fernando Pessoa”, publicadas na revista *Ocidente*, vol. LXIV, também de 1963. Nesse ensaio, o autor elenca e responde às críticas a que o seu estudo fora sujeito ao longo da década precedente (a que assiste à primeira vaga de proliferação da crítica pessoana). A leitura dessa bibliografia pessoana teria permitido ao crítico “precisar ou esclarecer a minha própria posição crítica” (233). Nessa resposta veja-se muito em especial a crítica a *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, de João Gaspar Simões.

Na comparação das duas versões das notas destaca-se a diferença de tratamento relativamente a esta obra. No olhar de Prado Coelho, olhar que comporta uma recusa e uma reabilitação da leitura biografista aí desenvolvida, podemos ler as hesitações do crítico perante o fundo a que tenta resistir, ou seja, o dogma da personalidade de que confessou nunca ter duvidado. Nas notas anteriormente publicadas, o afastamento é mais evidente, pois a referência ao autor termina em tom de recusa:

(...) a minha opinião é a de que tudo pretender explicar pela biografia, indo ao ponto de interpretar preconcebidamente os textos para demonstrar uma tese, constitui processo condenável; mas igualmente condenável é a atitude dos que negam qualquer validade à biografia para o melhor entendimento da obra literária. Pondo de parte afirmações dogmáticas e refreando cautelosamente a imaginação, temos de reconhecer, parece-me que a morte do pai e o segundo casamento da mãe quando Pessoa era ainda criança (circunstâncias postas em foco por Gaspar Simões) contribuíram provavelmente para o seu retraimento, a sua segura afectiva, a lucidez implacável com que se observava, desdobrando-se – e não devemos subestimar as evidentes analogias com o caso Baudelaire. Não vamos, contudo, afirmar que a saudade da infância, o desejo de um além-mundo, a inquietação metafísica são necessariamente prerrogativas dos órfãos de pai cuja mãe casou segunda vez... (1963a: 285)

O problema de Gaspar Simões teria sido não ter as cautelas que a crítica textual ensina: a suspensão dos dogmas e o refreamento (ou a reserva cautelosa) da tentação explicativa, tal como Prado Coelho explicara no prefácio. Mas nas notas publicadas no volume, Prado Coelho dá voz a Gaspar Simões, que faz defender-se e o texto prossegue nos seguintes termos:

O próprio Gaspar Simões, a certa altura, disso nos adverte, fazendo notar que as características apontadas se encontram afinal nos grandes poetas, independentemente de circunstâncias particulares: «Aliás, se bem estudarmos a obra dos grandes poetas em cuja poesia há alguma coisa mais que fugitiva emoção carnal – lá encontraremos, em todos eles, esse mesmo sentimento indefinido – essa mesma nostalgia de um paraíso perdido» (vol. II, p. 355).

Contributo indiscutivelmente basilar para o conhecimento do autor de «Tabacaria», será, como se disse, *Vida e Obra de Fernando Pessoa* um livro demasiado «explicativo»? Tentar explicar não me parece motivo para censura. O que penso é que Gaspar Simões, dando sucessiva ou alternadamente várias «explicações» (...), por um lado pecou talvez por demasiado afirmativo, como se cada «explicação» de per si fosse suficiente e incontestável, por outro não chegou a uma visão de conjunto mediante a coordenação e o confronto dos vários factores enunciados (...). Consequência de Gaspar Simões acreditar demasiado nas suas «explicações», terá sido algumas vezes a interpretação preconcebida, um tanto imaginosa, dos documentos biográficos; nada, porém, que permita classificar a sua obra, rica de informação e arguta, de simples «biografia romanceada». (1963b: 213)

Reabilitando agora Gaspar Simões de modo mais evidente, Prado Coelho acaba por sugerir que o problema essencial do autor de *Vida e Obra de Fernando Pessoa* teria sido o não ter conseguido construir um sistema unitário. Ou seja, o que questiona não é a relação entre vida e obra, mas que a primeira não tenha, com as devidas cautelas hermenêuticas, permitido aceder a uma visão da segunda que fosse suficientemente una e congruente. Ou, de outro modo, que da diversidade (das explicações sobre o episódico) não se chegasse à unidade (a uma visão de conjunto)⁸.

Nos termos colocados por Prado Coelho, uma leitura biografista e uma leitura textual não seriam absolutamente incompatíveis, na medida em que também a segunda visa descontinar a identidade profunda do poeta. Contudo, importa sublinhar que a proposta hermenêutica de Prado Coelho protagonizou uma mudança decisiva relativamente à leitura presencista, ao abandonar a chave psicologista que caracterizava esta última, e ao privilegiar um método estilístico. Ao proclamar uma crítica textual da obra pessoana, o crítico anuncia inscrever-se num horizonte formalista, caracterizado pela consideração dos textos como objectos de análise suficientes, ainda que, acolhendo lições da estilística, o ensaio deixasse evidente que as formas literárias eram concebidas como expressão do seu autor (no caso de Pessoa, da sua unidade íntima).

Na terceira edição da obra, em 1969, Prado Coelho reproduz o prefácio da segunda edição, acrescentando, no final uma breve nota intitulada “Agora, na terceira edição”, em que afirma que “[s]eis anos decorridos sobre a redacção das linhas precedentes, não vejo necessidade de lhes acrescentar seja o que for”, apenas se congratulando com o aparecimento de novos estudos pessoanos, que elenca. Contudo, esse prefácio, em tudo o mais absolutamente idêntico à edição anterior, comporta uma alteração relevante: a metodologia crítica é agora denominada imanente, e já não textual, correcção que dá a ver o enfoque crítico numa opção hermenêutica sustentada nos coevos desenvolvimentos da teoria literária.

Num ensaio datado de 10 de Julho de 1970 e só recentemente publicado, Eduardo Lourenço, reconhecendo o lugar central de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* no âmbito dos estudos pessoanos, detecta na leitura de Prado Coelho a imagem de Pessoa de Gaspar Simões:

⁸ Num dos exemplares da primeira edição de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa encontramos a seguinte dedicatória: “A J. Gaspar Simões, renovador da crítica portuguesa e penetrante intérprete de Fernando Pessoa, agradecida homenagem de J. Prado Coelho. 25-1-1951” (cota L.62695V.). No exemplar de “Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes” lê-se a seguinte dedicatória: “A João Gaspar Simões, esta pequena homenagem à sua exemplar actividade crítica e às suas qualidades humanas. Jacinto do Prado Coelho. 31 de Maio de 1966” (L.62890V).

“Imprevistamente bate-nos no rosto a sombra daquele psicologismo, ponto de comparação entre o literário e o não-literário de que J. P. Coelho, como pouca gente, conhece a extensão e os malefícios.” (2018:15). Lourenço aqui, contudo, sinaliza a universalidade da tentação a que Prado Coelho teria sucumbido e que não macularia o valor hermenêutico da obra: “Mas seria uma injustiça esquecer por esta dedada de um inimigo que a todos nos espreita, o mérito próprio de uma análise ao nível dos textos, a primeira que nos foi fornecida e até agora sem rival.” (*idem*). A 12 de Agosto de 1971, Eduardo Lourenço, no *Diário de Lisboa*, publicou “Kierkegaard e Pessoa – ou a comunicação indirecta”, datado de “Hamburgo, Montpellier (1954-56)”, em que manifestamente recusava a leitura do autor de *Diversidade e Unidade*: “Para o Prof. Prado Coelho – e na esteira de certas indicações de Gaspar Simões – a heteronímia é fundamentalmente uma *ocultação*, e mesmo um *fingimento*” (1971: 6). E, segundo Lourenço, este pressuposto motivava uma metodologia e uma conclusão psicologistas.

A defesa de Prado Coelho surge nas páginas da *Capital*, a 12 de Setembro⁹. Inscrevendo-se, ironicamente, numa tradição filológica, o crítico recusa qualquer impressionismo biografista: “Simples filólogo – ai de mim – procurei humildemente, uma resposta não em intuições de iluminado, mas na paciente análise e no paciente confronto dos textos.” (1971: 2). É em nome dessa análise que procede a uma distinção entre autor empírico (“o cidadão”) e autor textual (“a personalidade literária”):

Que essa análise não tem, no meu livro, um alcance meramente psicológico – só o não vê quem não quiser ver. Assumi em *Diversidade e Unidade* uma posição anti-psicologista, no sentido em que o psicologismo se integra no biografismo. Daí a sensível distância a que o meu ensaio se encontra do livro (posterior, note-se) de Gaspar Simões. Não, o objecto do meu estudo nunca foi a psicologia de um cidadão, correspondente comercial e escritor, chamado Fernando Pessoa. Foram os textos, foi a personalidade literária (e nessa medida humana) que me propus dilucidar – a personalidade literária que está na obra, que se configura nas palavras da obra.

Prado Coelho aponta para uma “sensível distância” entre a sua crítica imanente e a leitura psicologista de Gaspar Simões: o espaço que as separa é, de facto, crítico, como se torna evidente na explicação parentética que o professor adianta para a personalidade literária, suposto fim hermenêutico a separar Prado Coelho de Gaspar Simões, pois é precisamente o entendimento de

⁹ Curiosamente, tanto *A Capital* como o *Diário de Lisboa* publicavam, por esta altura, inquéritos literários sobre a nova crítica: “Inquérito sobre Crítica Literária” e “A (nova) crítica em questão”, respectivamente.

que esta seja afinal humana que torna sensível a distância entre ambos. Prado Coelho prossegue com a sua defesa, recorrendo à estilística de Spitzer:

Determinando nexos estruturais, e sob a sugestão do método de Spitzer (o que não era mau de todo, em 1949) tentei encontrar um núcleo de temas ou problemas vitais (um denominador comum, diria Spitzer, que preconizava: «tentar colocar-se no próprio centro da criação e recriar o organismo da obra», *Études de Style*, 1970, p.68), um núcleo que fosse a chave do mundo poético de Pessoa.

Contudo, a autoridade citada em 1949 não fora Spitzer, ausente do estudo (aliás a citação apresentada é de 1970...). Prado Coelho havia convocado Billeskov Jansen (de quem tomara o conceito de ‘motivos’) e recuperado a identificação entre estilo e homem, imputando-a a Karl Vossler, para ponderar a inevitabilidade de encontrarmos Pessoa nas suas criações heteronímicas: “Pessoa, a confirmar-se a asserção vossleriana de que cada homem tem o seu estilo, não terá gravado os sinais da sua alma e da sua mente singulares nas linguagens dos heterônimos?” (1949: 77). Karl Vossler, da escola idealista alemã, como outros cultores da estilística genética, tais como Leo Spitzer, y Amado Alonso y Dámaso Alonso, centravam-se preferencialmente no indivíduo. Em *Problemática da História Literária*, de 1961, Prado Coelho havia discutido Dámaso Alonso enquanto representante da estilística (cf. 1961: 11-16). No prefácio a *A Letra e o Leitor*, datado de 1968, discutirá, também, Leo Spitzer (1977: 13). A todos poderia ser imputada a acusação de psicologismo que Eduardo Lourenço dirigiu a Prado Coelho: “Em Karl Vossler, em Leo Spitzer, e dentro de certa medida, também em Dámaso Alonso, a estilística apresenta-se impregnada de psicologismo, aceitando como postulado a existência de um vínculo imediato e unívoco entre um elemento estilístico e a interioridade do seu autor” (Aguiar e Silva, 1973: 624; cf, também, Wellek e Warren, 1962: 226).

A invocação de Leo Spitzer era incapaz de sustar a acusação de Eduardo Lourenço e a polémica entre ambos continuará: Eduardo Lourenço, ainda esse ano, escreve “Poesia e Heteronímia. Resposta (sem metáfora) ao Sr. Prof. Jacinto Prado Coelho”, que virá a ser publicado só em 2009, e publica, dois anos mais tarde, *Pessoa Revisitado*, em que toma o autor de *Diversidade e Unidade* como exemplo de redução crítica literária, e em que denuncia o seu entendimento da crítica como instância a colocar num plano superior à obra (cf. Lourenço, 2003: 25 e segs; sobre a posição crítica de Eduardo Lourenço, ver Sepúlveda, 2017); Prado Coelho

repetirá o essencial da sua defesa nas “Notas à margem de alguns livros”, na edição de 1973, devolvendo a acusação psicologista de que fora alvo: “Eduardo Lourenço continua de certo modo (embora matizando-a e corrigindo-a com extrema subtileza) a interpretação psicanalítica tentada por Gaspar Simões” (Coelho, 1973: 233).

A crítica de Lourenço fundamenta-se na denúncia da fundamentação e tentação psicologizantes da crítica imanente; de algum modo, Prado Coelho foi também crítico de si mesmo, sobretudo na insistência com que dizia resistir ao fundo psicologista que sabia existir na metodologia que adoptara. Em 1961, apresenta este credo metacrítico:

Parece-me que a crítica não exorbita da sua missão quando procura surpreender a génesis do poema, o momento em que na alma do poeta, o sentimento se transfigura começando a tomar forma estética. Nem julgo abusivo o desejo de encontrar, como denominador comum dos poemas, a personalidade estética do seu autor (...). O que não me canso de sublinhar é que a finalidade da indagação, sob pena de o crítico se transformar num psicólogo mais ou menos arguto, num historiador das ideias ou num sociólogo, não deve deslocar-se da obra estética, produto da fusão transfiguradora da experiência humana (...) (1961: 265-6)

O crítico deveria, pois, manter-se atento aos limites e à circunscrição dos seus movimentos hermenêuticos. O termo imanente, que Prado Coelho faz aparecer em 1969, conhece uma breve explanação em 1975:

Quando se fazem estudos sistemáticos de obras literárias advoga-se a chamada leitura imanente, a crítica imanente. O centro de todas as atenções é o texto e muitas vezes se realiza a experiência de estudar um texto pondo completamente de lado tudo quanto se sabe sobre o autor, sobre a história do género em que o texto se insere, etc. Isto não significa impressionismo, porque, se há uma tendência anti-historicista hoje, também o impressionismo está muito desacreditado. A crítica literária tem de valer-se de certos métodos de análise da obra literária. Tem de alimentar-se além disso de conceitos, que são recentes conquistas da Teoria da Literatura. (1975: 16)

A crítica imanente consistiria na leitura que tornava os textos o foco de “todas as atenções”, suspendendo todo o conhecimentos sobre autor ou sobre a tradição literária. Essa crítica imanente, reagindo ao historicismo e ao impressionismo, respondia ao apelo de

cientificidade que então imperava na Teoria da Literatura, disciplina que então celebrava “recentes conquistas”.

Um ano mais tarde, em “Como ensinar literatura”, Prado Coelho faz o mapeamento das tendências dos estudos literários, sendo a primeira delas caracterizada pela “análise da obra literária na sua singularidade irredutível”, projecto que teria aflorado no formalismo russo e que “Leo Spitzer, Dámaso Alonso e outros expoentes da crítica estilística tentaram levar a cabo” (1976: 54). O termo crítica imanente desaparece. As outras duas – o estudo da literariedade e a consideração da literatura enquanto sistema em correlação com outros sistemas artísticos e sociais – seriam outros terrenos para outras recentes conquistas no campo dos estudos literários.

No prefácio à sexta edição de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, datado de Novembro de 1979, o autor declarava uma irresgatável distância relativamente ao seu livro: “Trinta anos após a primeira edição deste ensaio, já me espicaça o desejo de escrever outro livro, com outro plano mais dúctil e adequado a novos ângulos de visão” (1982:19). Na verdade, Prado Coelho nunca silenciara o seu interesse pela história literária (veja-se, por exemplo, *Problemática da História Literária*, de 1961); e fora acolhendo, quer da estética da recepção e quer da hermenêutica fenomenológica, importantes lições sobre a leitura como instância actualizadora de sentido (veja-se, por exemplo, *A letra e o leitor*, de 1969). Ambos os influxos críticos questionavam a crítica imanente e a sua desejada circunscrição à obra como estrutura autónoma.

Compreende-se, assim, esse desejo de “outro” livro. Outros ângulos de visão tentavam agora o leitor Prado Coelho, movido pela sedução de um novo “ponto de partida” (Ferraz, 1984: 492), mas sempre com o desejo de um ponto de chegada determinado: “Por mim, para além das virtualidades da linguagem literária (...), o que continua a seduzir-me é a fisionomia única das obras de um autor – a individualidade literária, o *quid* «Garrett», o *quid* «Pessoa», inelutável como as impressões digitais.” (1977: 10). E acrescentava: “não creio que alguma vez a crítica se liberta do conceito de «autor» assim entendido”; o crítico Prado Coelho, que se distanciou da crítica imanente, nunca se libertou dele.

Referências

- AGUIAR E SILVA, Vítor (1973) *Teoria da Literatura*, 3^a edição, Coimbra, Almedina.
COELHO, Jacinto do Prado (1949) *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Edição da Revista Ocidente.

- (1961) *Problemática da História Literária*, Lisboa, Ática.
- (1963a) “Notas à margem de Fernando Pessoa”, Separata da revista *Ocidente*, vol. LXIV: 285-292.
- (1963b) *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 2^a edição, refundida e acrescentada, Lisboa, Editorial Verbo.
- (1964) “Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes”, Separata de *Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft*, Erste Reihe, Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte, Band 4: 212-31.
- (1969) *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 3^a edição, refundida e acrescentada, Lisboa, Editorial Verbo.
- (1971) “A propósito da heteronímia em Fernando Pessoa”, *A Capital, Suplemento Literário Literatura e Arte*, 15 de Setembro de 1971, 1-2.
- (1973) *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 4^a edição, refundida e acrescentada, Lisboa, Editorial Verbo.
- (1975) *O Ensino da Literatura e a Crítica literária*, Figueira da Foz, Cadernos Mar Alto.
- (1977) *A letra e o leitor*, Lisboa, Moraes Editores. [1^a edição: 1969].
- (1982) *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, 7^a edição, refundida e acrescentada, Lisboa, Editorial Verbo.
- FERRAZ, Maria de Lourdes (1984) “Uma visão do conceito de literatura na obra de Jacinto do Prado Coelho”, in *Afecto às letras: Homenagem da Literatura Portuguesa a Jacinto do Prado Coelho*, ed. de Mourão-Ferreira, David et al., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 490-498.
- (2008) “Algumas reflexões sobre as orientações teóricas do Professor Jacinto do Prado Coelho”, in O domínio do instável – a Jacinto do Prado Coelho, org. de Margarida Braga Neves e Isabel Rocheta, Lisboa, Edições Caixotim, 49-61.
- FOUCAULT, Michel (1992) *O que é um autor?*, tradução António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro, Lisboa, Editorial Vega. [Edição original “Qu'est-ce qu'un auteur?”, *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 1969].
- GAGLIADI, Caio (2017) “Marcos da fortuna crítica de Fernando Pessoa: o tempo cultural presencista”, *Estranhar Pessoa*, n.º 4, 12-21.
- LOURENÇO, Eduardo (1971) “Kierkegaard e Pessoa – ou a comunicação indirecta”, *Diário de Lisboa, Suplemento Literário*, 12 de Agosto, 1 e 6-7.
- (1993) “A Fortuna crítica de Fernando Pessoa”, in *Fernando – Rei da nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 23-34.
- (2003) *Pessoa Revisitado, Leitura estruturante do drama em gente*, Lisboa, Gradiva [1973].
- (2009) “Poesia e Heteronímia. Resposta (sem metáfora) ao Sr. Prof. Jacinto Prado Coelho”, *Revista Colóquio Letras*, n.º171: 376-389. [1971].

- (2018) “A 3.^a Reedição de Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa, de Jacinto do Prado Coelho”, *Estranhar Pessoa*, n.^o 5: 10-16, disponível em <http://estranharpessoa.com/revista> [consultado em Março de 2019].
- PATRÍCIO, Rita (2017) “Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, prefaciadores de Pessoa”, *Estranhar Pessoa*, n.^o 4, disponível em <http://estranharpessoa.com/nmero-4/> [consultado em Março de 2019].
- SEPÚLVEDA, Pedro (2017) “A redução crítica da heteronímia”. *Estranhar Pessoa*, n.^o 4, disponível em <http://estranharpessoa.com/nmero-4/> [consultado em Março de 2019].
- WELLEK, R. e WARREN, A. (1962) *Teoria da Literatura*. Tradução de José Palla e Carmo. Lisboa, Europa-América. [ed. original: 1948].